

Senado Federal

POLÍTICA

CONGRESSO

Sob risco de perder mandato, ACM chora

Em busca de uma saída, senador vai às lágrimas e admite enfrentar problemas de saúde

Joédson Alves/AE-18/4/2001

ARIOSTO TEIXEIRA
E CIDA FONTES

BRASÍLIA – Quem lembra do poder que o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) exerceu durante os quatro anos em que presidiu o Senado jamais poderia imaginar que, em tão pouco tempo, ele chegaria às lágrimas quando se visse na iminência de perder, além do poder, o mandato. Foi o que aconteceu no início da semana que passou, uma das mais dramáticas da quase bicentenária história do Senado. Diante de colegas, ACM chorou conversando sobre saídas para a episódio, que o envolve, de violação do painel eletrônico de votação na sessão que cassou o mandato do então senador Luiz Estevão (PMDB-DF).

ACM é um homem emotivo. As imagens dele chorando em público, desde a morte de seu filho, Luís Eduardo Magalhães, são conhecidas dos brasileiros. Mas agora, além de abalado psicologicamente com a perspectiva de uma punição por quebra do decoro parlamentar, ele não esconde que passou a enfrentar problemas de saúde. No início da semana, numa conversa informal com jornalistas, o senador chegou a mostrar medicamentos que carregava no bolso para combater as crises glicêmicas que o afetam. Nesses momentos, ele mostra a segurança de sempre no comportamento, embora já não demonstre a mesma agressividade política em suas declarações.

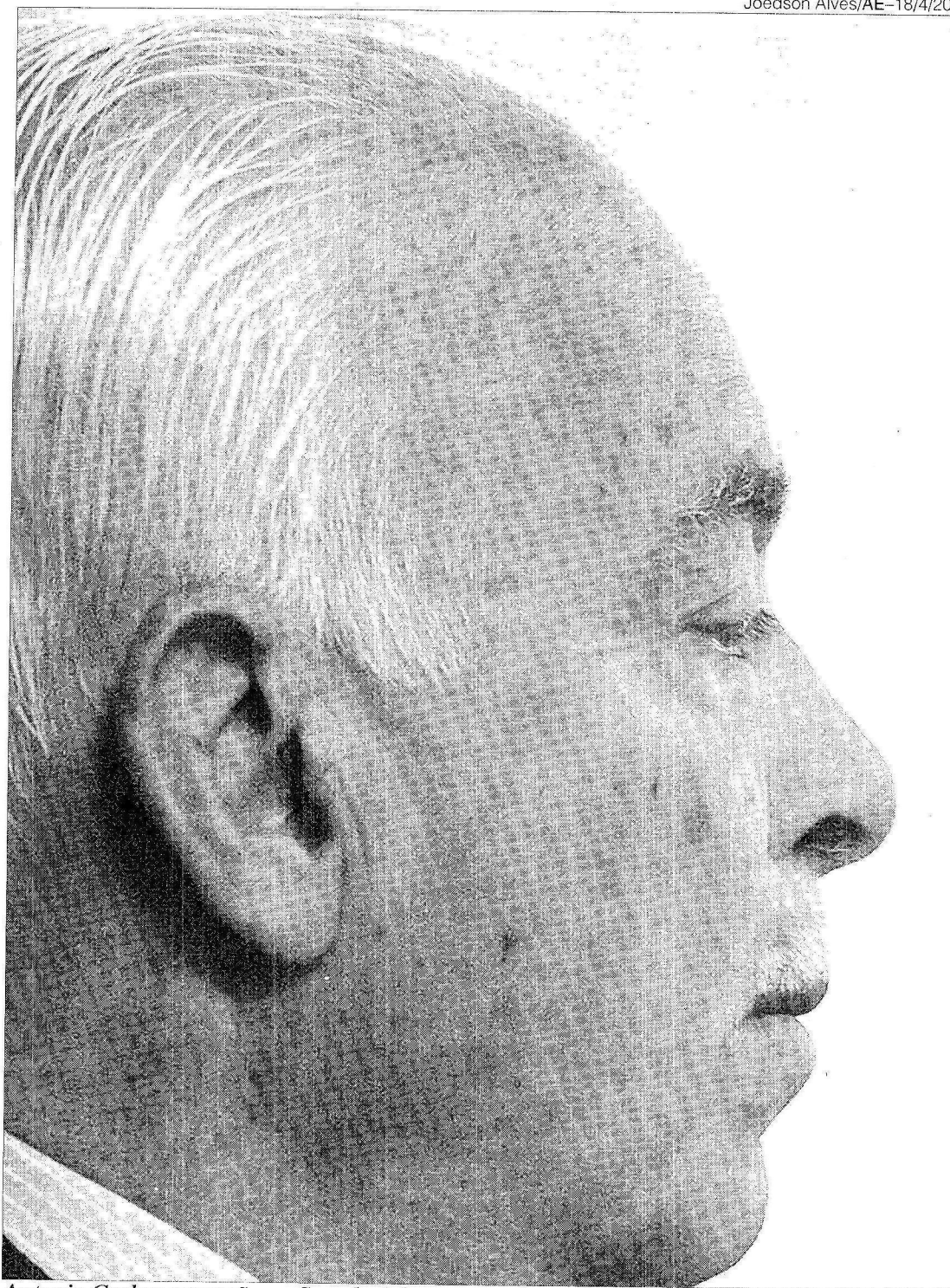
O estado de espírito de ACM representa, talvez por ironia do destino, o estado geral que atinge a alma de todos os senadores. “Esta mancha

na honra do Senado jamais será removida”, diz o senador Bernardo Cabral (PFL-AM), lembrando uma história do sábio chinês Confúcio sobre a calúnia, que foi repetida à exaustão durante a semana. À pergunta de um discípulo que desejava reparar uma calúnia contra um homem honrado, Confúcio sugeriu que subisse uma montanha e do seu cume espalhasse as penas de um travesseiro. Se conseguisse depois recolhê-las todas, teria recomposto a honra do caluniado.

PARA
FREIRE, “MAL
JÁ ESTÁ
FEITO”

A consciência de que a imagem do Senado foi jogada ao chão é unânime e independe do destino dos atores centrais desse drama. “O mal já foi feito”, afirma o senador Roberto Freire (PPS-PE). “Resta-nos impedir que ele contamine as instituições republicanas, apurando o que de fato aconteceu em todas as denúncias e estabelecer as devidas punições.”

Para Freire, de todos os fatos que empobreceram a instituição, o crime do painel é o mais grave. Trata-se, observa ele, de um crime hediondo em política violar o sigilo do voto dos representantes dos Estados no Senado “que é um sigilo protegido pela Constituição”.



Antonio Carlos: sensação no Senado é de que mancha na imagem da Casa nunca será apagada